

Aprofundar a esperança

Projeto de Resolução para a Mesa Nacional do Bloco de Esquerda

31 de Janeiro de 2016

1- Notas de balanço eleitoral

1.1 - As eleições presidenciais saldaram-se por uma derrota da esquerda. Apesar do resultado do BE ser o maior resultado de sempre da área política em que nos situamos em eleições presidenciais, não se pode escamotear tal derrota.

1.2 - A abstenção elevada merece uma atenção especial. Há uma franja significativa de cidadãos/ãs que continuam excluídos da política e com os/as quais a esquerda anticapitalista tem dificuldade em dialogar.

1.3 - A vitória da direita não era inelutável. Apesar de Marcelo Rebelo de Sousa ser o candidato do regime mediático e de se ter refugiado na ambiguidade da «campanha dos afetos», quando confrontado politicamente nos debates vacilou. Aliás, a escassa margem que fez da sua uma vitória à primeira volta é prova da fragilidade de um candidato com imagem pública de labilidade e volubilidade.

1.4 - Para a vitória da direita contribuiu notoriamente a disputa autocentrada entre as candidaturas do PS. Por um lado, Sampaio da Nóvoa, candidato oficioso do Primeiro-Ministro, não descolou da imagem de académico desconhecido e sem percurso político prévio e nem o seu discurso vago e ao centro nem a sua colagem a Ramalho Eanes conseguiram ser suficientemente mobilizadores para, pelo menos, chegar à segunda volta. Por outro lado, Maria de Belém provou ser um erro de casting absoluto que conseguiu a proeza, ainda mesmo antes da defesa desastrosa das subvenções vitalícias para ex-deputados/as, de diminuir a capacidade de influência política da «direita do PS» sem conseguir disputar nenhum espaço político ao centro ou à direita.

1.5 - O BE esteve, e bem, envolvido no início de projeto de candidatura de Carvalho da Silva mas, depois de essa possibilidade ter sido inviabilizada, a escolha política foi de adiar qualquer decisão para depois das legislativas o que impossibilitou a construção de qualquer outro projeto de unidade na esquerda anti austeridade. Poderia não ter sido assim.

1.6 - A eficácia, a empatia gerada pela Marisa Matias e o brilhantismo dos resultados obtidos não podem obscurecer a forma institucionalizada e repetitiva da campanha eleitoral.

1.7 - Tal como nas eleições legislativas, assistiu-se a um estreitamento do conjunto de pessoas responsáveis pelas decisões políticas centrais da campanha, como por exemplo, a linha política centrada da defesa na constituição.

1.8 - Durante a campanha eleitoral assistiu-se a alguma tensão entre BE e PCP. Não procurando aplanar diferenças, é urgente não só não desgastar a esquerda à esquerda do PS em pequenas querelas como se devem encontrar caminhos comuns na luta contra a austeridade permanente.

1.9 - A campanha presidencial apoiada pelo Bloco teve o mérito de falar claro contra o austeritarismo e o capitalismo financeirizado. A afirmação de Marisa Matias sem margem para dúvidas de que vetaria o orçamento rectificativo teve o mérito de desfazer a ambiguidade que o BE tinha cultivado através de um comunicado da Comissão Política em que admitia negociar o voto no orçamento rectificativo.

2- Caminhos para aprofundar a esperança

2.1 - A campanha das presidenciais e o resultado obtido, não provando uma reconfiguração definitiva do espaço político à esquerda, reforçam positivamente os sinais encorajadores que já vinham das legislativas. O Bloco de Esquerda deve resistir à tentação de acreditar que os problemas políticos se resolvem nos circuitos fechados do mediatismo e da parlamentarização definitiva da política, deve procurar não se fechar em si mesmo e no trefismo.

É tempo de aproveitar a influência política para nos enraizarmos, para nos abirmos aos movimentos sociais. É tempo de palmilhar os caminhos esquecidos do interior, seguir os roteiros negligenciados da pobreza, dialogar com quem já não conta ou nunca contou para as contas da política tradicional.

2.2 - O sucesso eleitoral e a capacidade de influência que o Bloco têm demonstrado, esbarram porém com uma hegemonia persistente da direita, do austeritarismo e das suas inevitabilidades. Assim, outra das apostas centrais do Bloco no próximo período deve ser o combate contra-hegemónico. Este combate não é um momento secundário ao qual nos dedicamos apenas nos intervalos da «política a sério». É uma trincheira fundamental à qual devemos dedicar todo o tempo, os instrumentos e meios necessários.

2.3 - Na atual conjuntura, o Bloco não se contenta em ser o sidekick do governo do PS.

Temos a consciência de que é preciso conjugar uma vigilância cidadã à esquerda sobre o cumprimento do acordo que permitiu viabilizar o governo com a crítica das cedências aos donos do país e aos manobradores do poder financeiro internacional. Por exemplo, a privatização da CP Carga merece a nossa veemente oposição.

E é preciso ir mais além: o Bloco terá de ser proactivo na marcação da agenda política, de construir proposta e campanhas através dos seus grupos de trabalho, de realizar trabalho de base e de se encontrar com quem o realiza.

É preciso responder à crise da política e aos populismos desempoeiradamente aprofundando a democracia e o debate interno. Desta forma, as resoluções aprovadas na última Conferência Nacional sobre Organização devem implementadas. Daí que a Mesa Nacional decida a publicação doravante de um boletim interno com periodicidade bimensal. Este boletim será enviado em formato PDF para as/os aderentes e estará disponível em formato papel para quem tenha dificuldades de acesso aos meios eletrónicos.

2.4 - Face à possibilidade da crise económica e financeira revelar proporções preocupantes num futuro próximo, o Bloco não se remete para uma posição de «esperar para ver» mas trabalha em alternativas.

À falência do sistema bancário nacional, respondemos com a proposta do controlo público da banca. No sentido de estudar as propostas concretas sobre o tema, o Bloco de Esquerda organiza desde já um grupo de trabalho aberto a aderentes e não aderentes, e mandata a comissão política para em articulação com este grupo de trabalho lançar uma campanha nacional que vá para o terreno a breve prazo.

Aos limites da governação em tempo de eurocracia e de ditadura financeira, respondemos assumindo o repto do «Plano B» tão necessário ao nível europeu quanto ao nível nacional. O Bloco de Esquerda propõe aos/às ativistas anti austeridade a dinamização de coletivos de diferentes espectros com base na ideia de um Plano B que discuta o sistema produtivo nacional. Não desistimos de acreditar que o nosso país é viável e queremos fazer essa discussão em pé de igualdade com todos/as quantos/os contribuíram para derrotar o governo das direitas.

2.5 - De forma a aprofundar o envolvimento das/os aderentes do Bloco na discussão das políticas locais e a fazer ouvir a sua voz, a Mesa Nacional do Bloco de Esquerda decide ainda a realização de um conjunto de debates descentralizados sob o lema «pensar territórios». A calendarização, a forma concreta que estes debates tomarão assim como a escala territorial a que se dedicam (regiões, concelhos, cidades, interior, etc.) será decidida em articulação com cada uma das estruturas regionais/distritais do movimento.

Irina Castro, Carlos Carujo, Alex
Gomes, Albertina Pena